

Uma análise foucaultiana sobre o “holocausto brasileiro”

A Foucaultian analysis of the “Brazilian holocaust”

GIULLYA SCHUSTER DE ALMEIDA¹

CRISTIELE RHODEN²

Resumo: Este trabalho visa explorar os argumentos foucaultianos acerca da história do Hospital-colônia de Barbacena, em Minas Gerais, lugar onde morreram mais de 60 mil pessoas, vítimas da precariedade de tratamento, da estrutura e do descaso. Propomos uma visão sobre os métodos utilizados como tratamento para loucura e toda a infraestrutura dessas instituições por meio do pensamento Foucaultiano. Sendo utilizado como base o texto *A Casa dos Loucos*, em que Foucault trata do movimento da antipsiquiatria que eclodiu no final do século XIX, com o surgimento dos hospitais psiquiátricos. Esta estrutura feita pela psiquiatria leva uma separação entre aquele que tem o poder e aquele que não tem. O doente mental, nesse caso, era tratado como alguém sem direitos, o médico e os enfermeiros podiam fazer o que bem entendiam com seus pacientes. A relação entre médico e paciente envolvia métodos de sujeição que não poderiam mais ser reconhecidos. Sua crítica não se baseia apenas no autoritarismo psicanalista, mas sim na adequação de produção da verdade nessa relação de poder entre médico e paciente. Ao médico, ficava a responsabilidade de conhecer a doença para fazê-la aparecer. A doença era estimulada para que pudesse ser descoberta em sua verdade.

Palavras-chave: Antipsiquiatria. Foucault. Hospital Colônia.

Abstract: This work aims to explore Foucault's arguments about the history of the Barbacena Colony Hospital, in Minas Gerais, a place where more than 60 thousand people died, victims of the precarious treatment, structure and neglect. We propose an insight into the methods used as a treatment for madness and the entire infrastructure of these institutions through Foucaultian thinking. The text *A Casa dos Loucos*, in which Foucault deals with the anti-psychiatry movement that broke out at the end of the 19th century, with the emergence of psychiatric hospitals, was used as the basis. This structure made by psychiatry leads to a separation between those who have power and those who do not. In this case, the mentally ill was treated as someone with no rights, the doctor and nurses could do whatever they liked with their patients. The relationship between doctor and patient involved methods of subjection that could no longer be recognized. His criticism is not based only on psychoanalytic authoritarianism, but on the adequacy of producing truth in this power relationship between doctor and patient. The doctor was responsible for knowing the disease in order to make it appear. The disease was stimulated so that it could be discovered in its truth.

Keywords: Antipsychiatry. Foucault. Cologne Hospital.

A história do Brasil é estudada desde antes da Colônia até a República Democrática dos dias atuais. Muito se fala em como “fomos” explorados e

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: giullya-sa@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: rhoden375@outlook.com

politicamente “enganados” várias vezes. Vários fatos nos trouxeram até os dias atuais e alguns destes ficaram escondidos em cidades pequenas e afastados dos olhos da mídia e da maioria da população.

O chamado “Holocausto Brasileiro” retratado no documentário de mesmo nome, gravado pela HBO em conjunto com a Vagalume Filmes em 2016, baseado no livro de Daniela Arbex, é uma das histórias mais perturbadoras de nossa sociedade e vive esquecido, junto com suas mais de 60 mil vítimas, em uma cidade chamada Barbacena, localizada em Minas Gerais.

Até o século XX, o estudo sobre a mente e suas desordens no Brasil não havia dado nem seu primeiro passo. Qualquer tipo de inconformidade com o convívio social era considerado loucura.

O Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena foi inaugurado em 1903. Considerado o primeiro hospital psiquiátrico público de Minas Gerais, trabalhava no tratamento de “alienados” e era antes um Sanatório particular para o tratamento de tuberculose. Em 1911, quando ainda fazia parte da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (FEAP), tornou-se um Hospital-colônia, onde o trabalho era considerado a principal forma de tratamento. Em 1977 passou a pertencer a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), quando em 1980 iniciaram mudanças para melhora do tratamento de seus pacientes.

Durante 80 anos, todas as terças e quintas-feiras, um trem chegava à Estação Bias Fortes com um vagão exclusivo para loucos vindos de todas as regiões de Minas Gerais, onde nenhum outro passageiro “comum” poderia entrar. Nesse vagão se encontravam pessoas que possuíam problemas mentais e outros que, em sua maioria, apenas fizeram algo de errado ou não nasceram de acordo com o padrão físico aceito.

Além disso, moradores de rua, recolhidos pela Polícia Militar, também eram mandados toda quarta- feira, em um ônibus lotado, do Hospital Raul Soares para o Hospital-colônia em condições mais que precárias: doentes, vomitando e com diarreia.

Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina para o lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos. [...] a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, a Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos o todo o tipo de indesejados, inclusive os chamados insanos (ARBEX, 2013, p. 23).

Os funcionários não possuíam nenhum tipo de treinamento para trabalharem. Nenhum tipo de escolarização era necessário, nem mesmo saber ler e escrever.

Apenas saber cuidar de pacientes da maneira mais básica possível: distribuir alimentação, limpar o ambiente, dar banho nos pacientes e medicar.

Como mostrado no documentário, a medicação era desconhecida pelos funcionários e pelos pacientes. A única diferenciação que sabiam era que havia um comprimido azul e um rosa. Se o paciente estivesse gritando e batendo, os comprimidos eram ministrados juntos; se estivesse cantando ou importunando os funcionários, o rosa era dado.

As condições do Hospital-colônia eram precárias. A enfermagem não possuía nenhum tipo de equipamento clínico para esterilização dos materiais usados. Os mesmos eram esterilizados em uma bacia onde os funcionários ferviam água para o procedimento. Havia apenas um médico para três pavilhões que ultrapassavam a quantidade de 400 pessoas, todas isoladas do convívio social.

Não há dúvidas de que o tratamento neste hospital fora negligenciado e os pacientes foram lá internados para que não dessem problemas maiores à sua família ou à sociedade. Em decorrência disso e como base para os estudos sobre as consequências dessas instituições, Michel Foucault foi um dos principais autores que começou uma mudança nos métodos utilizados como tratamento.

Foucault trata deste assunto de maneira direta e didática em seu texto denominado “A Casa dos Loucos”. Neste texto o mesmo trata do movimento da antipsiquiatria que eclodiu com o surgimento de hospitais psiquiátricos no final do século XIX, contraponto a psiquiatria. Ele aponta que esses lugares se tornaram laboratórios experimentais da loucura.

Como a loucura nunca fora considerada uma enfermidade, mais especificamente uma doença mental, a formação da psiquiatria no começo do século XIX gerou várias discussões sobre o assunto. Ainda mais quando foram criados espaços terapêuticos específicos, conhecidos como “asilos”, para tratamento de pessoas com essa enfermidade. Houve a tentativa de expulsar essa cena de loucura do âmbito social e foi assim que surgiram os citados “asilos”.

No decorrer dos anos em que foram sendo tratados os doentes mentais, vários erros foram percebidos em relação ao método de tratamento em que os pacientes eram submetidos.

Até o final do século XIX a psiquiatria tratava os loucos em regras ditadas para o corpo, se estimulava a correção através de estímulos corporais, como se fosse um treinamento para um animal irracional. Pouco se sabia o que se passava na mente. Foucault destacava as condutas, sofrimentos e necessidades que aconteciam nesses hospitais psiquiátricos, iniciando assim um estudo sobre a psique no espaço individual de cada loucura.

Este regime, esta estrutura feita pela psiquiatria, leva uma separação entre aquele que tem o poder e aquele que não tem. O doente mental nesse caso era tratado como alguém sem direitos, o médico e os enfermeiros podiam fazer o que bem entendiam com seus pacientes. Na prática e no pensamento psiquiátrico clássico é uma relação de poder o qual é mascarado e invisível. A relação entre médico e paciente envolvia métodos de sujeição que não poderiam mais ser reconhecidos.

Sua crítica não se baseia apenas no autoritarismo psicanalista, mas sim na adequação de produção da verdade nessa relação de poder entre médico e paciente. Ao médico ficava a responsabilidade de conhecer a doença para fazê-la aparecer. A doença era estimulada para que pudesse ser descoberta em sua verdade.

“[...] durante um século (1760-1860) a prática e a teoria da hospitalização, e de uma forma geral a concepção de doença, foram dominadas por este equívoco: o hospital, estrutura de acolhimento da doença, deve ser um espaço de conhecimento ou um lugar de prova.” (FOUCAULT, 1979, p. 68).

Toda tecnologia de verdade foi expulsa dos ambientes hospitalares e uma nova técnica começou a ser utilizada. Novas formas de sujeição e outros conhecimentos foram implantados. Ao mesmo tempo, os médicos começaram a ser acusados de serem os principais fatores para que a doença se espalhasse de forma drástica e sem cura.

O principal motivo da crescente onda de pacientes era o pouco conhecimento sobre o funcionamento da mente. Deste modo, toda e qualquer discrepância que um indivíduo apresentasse durante o convívio social ou particular era considerada loucura pelos médicos, sem ao menos terem feito exames para que se comprovasse tal laudo.

A loucura no começo do século XIX era tratada como o resto das doenças que trancavam pessoas marginalizadas nos hospitais gerais e ao final do século XIX começaria a ser estudada em sua totalidade.

Antes do século XVIII, a loucura não era sistematicamente internada, e era essencialmente considerada como uma forma de erro ou de ilusão. [...] A prática do internamento no começo do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre. Enfim, em vez de se inscrever no eixo verdade-erro-consciência, se inscreve no eixo paixão-vontade-liberdade (FOUCAULT, 1979, p. 69).

Foucault contrapõe todos esses métodos existentes na psiquiatria e tem intenção de mudar esse tratamento com o louco, mudar como ele é caracterizado,

como é visto, mudar a relação médico-paciente e, principalmente, mudar o poder que é dado ao médico. O principal objetivo era de que o poder do médico sobre o paciente fosse aniquilado.

A antipsiquiatria não só teve que lutar contra os espaços asilares, mas também com um movimento chamado “despsiquiatrização”, pois este surgiu com o intuito de tentar colocar a psicanálise como saída para acabar com o poder que o médico possuía. No entanto, sua teoria era diferente, mas sua prática aos poucos foi se tornando igual a que se tinha nos hospitais. Embora não houvesse o uso de trabalho manual e nem o uso de eletrochoque, os consultórios dos ditos psicanalistas, as consultas precisavam ser pagas, aconteciam em um espaço fechado, onde o médico dava rumo ao tratamento do seu próprio jeito.

[...] o puro poder do médico, diz Basaglia [...] aumenta tão vertiginosamente quanto diminui o poder do doente; este, pelo simples fato de estar internado, passa a ser um cidadão sem direitos, abandonado à arbitrariedade dos médicos e enfermeiros, os quais podem fazer dele o que bem entendem, sem que haja possibilidade de apelo (FOUCAULT, 1979, p. 72).

Foucault não deixa explícito qual seria a sua concepção da loucura. Nós sempre ficaremos no abismo entre o físico e o mental. Para o autor, a única coisa que se entende, é que são acontecimentos do saber que possuem efeitos de poder.

251

Mesmo que a força do movimento da antipsiquiatria fora grande no final do século XIX, podemos ver que nem todos tiveram acesso a estes ideais. Ainda mais fora da Europa. Pois como vimos, o Hospital Colônia em Barbacena, no século XX, ainda passava por situações precárias de administração e tratamento dos pacientes.

No Brasil, raramente se escuta sobre uma reforma na área da psiquiatria. Vários manicômios já foram fechados, mas o sistema continua praticamente o mesmo. Com hospitais onde os pacientes são trancados e ficam longe do convívio social até mesmo de seus parentes, que preferem não manter contato.

A dificuldade que encontramos ao estudar esse assunto, é que ainda se pensa que quem possui alguma doença mental é incapacitado de conviver normalmente em sociedade. Esse pensamento já está tão enraizado em nossa cultura que dificilmente acontecerão mudanças concretas na forma de tratamento.

A partir do momento em que os indivíduos têm uma visão preconceituosa e de senso comum de um problema que envolve, não só a quem possui uma doença mental, mas a sociedade como um todo, seu tratamento fica precário e sem efetividade. Tendo como consequências a piora de um paciente ou, como apresentado no documentário e na obra de Daniela Arbex, a morte de mais de 60 mil pessoas ao longo de 80 anos.

Sendo uma consequência pequena ou não, ela acontece, e o descaso de alguns médicos e instituições como um todo, acaba gerando desconfiança e medo em quem realmente precisa de um tratamento efetivo.

Referências

- ARBEX, D. e MENDZ, A (Dir.). Produção Daniela Arbex e Alessandro Arbex. *Holocausto brasileiro*. Barbacena, MG: History Channel Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=izE_vxYqUiU>. Acesso em: 21 out. 2017.
- BASAGLIA, F. *Psiquiatria y Antipsiquiatria*. México: Salvat, 1973.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Submissão: 10.10.2018 / Aceite: 20.12.2019